

CONCURSO MISS MULATA (1969-1999), RS: SOBRE BRANQUEAMENTO E ESTÉTICA NEGRA

QUADRADO, Beatriz Floôr¹; LEAL, Elisabete²

¹ Universidade Federal de Pelotas- biaffloor@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas– elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como temática o concurso de beleza denominado “Miss Mulata” (1969-1999), ocorrido na cidade de Arroio Grande (RS), discutindo o conceito de branqueamento construído sobre a terminologia mulata. Será relevante interpretar questões envolventes, como a construção da identidade nacional sobre a mestiçagem na busca de um branqueamento da sociedade brasileira em meados dos anos 30, do século XX. A grande questão, ou problemática, colocada para o trabalho tange no porquê da utilização do termo “mulata” pelo grupo étnico envolvido em um concurso que se caracteriza sob o objetivo de valorização da mulher negra.

Para analisar a mestiçagem as contribuições do antropólogo Kabelenge Munanga (2008), são especiais. Para o autor, a mestiçagem foi colocada como uma solução para o “problema brasileiro”, o qual seria a variedade racial presente no Brasil no século XIX e XX, e sobre o que fazer com os ex-escravos elevados, neste momento, à categoria de cidadãos. Com isso, a identidade nacional brasileira, se utilizou do branqueamento para se constituir, com a suposta mistura de raças em termos biológicos, acreditando na eliminação da dita raça negra.

Ressalta que a utilização da nomenclatura raça para a autora deste trabalho consiste na ligação de fatores sociais, históricos e político ideológico, não apenas um conceito com base no biológico, já ultrapassado, apesar de fazer parte do senso comum.

Para Nilma Lino Gomes (2008), é essencial entender as questões referentes à identidade da mulher negra, além de ressaltar a importância do estético para esta população. Ela analisa o conflito dos estereótipos atribuídos às mulheres e aos principais signos de identidade, e define a mulata como:

Fruto da mistura do negro com o branco, no imaginário social, a mulata é vista como a mulher que traz no tom “bronzado” ou “moreno” da pele e nos contornos do corpo a marca da mestiçagem. A ascendência negra está gravada na cor da sua pele e na textura de seu cabelo. No caso dos cabelos, para compor a representação social da mulata, eles devem ser, de preferência, longos e anelados e nunca muito crespos. (GOMES, 2008, p.255)

Ou seja, o termo mulato(a), foi cunhado para instituir para criar um gradiente de cores mais variado ainda, criando uma hierarquização de cores e raças,

aprofundando a exclusão dos negros. Ou seja, o mulato é a representação da identidade nacional, do mestiço, mas ainda assim está hierarquicamente abaixo de brancos, mas superior aos negros.

Para melhor compreender o período da construção desta identidade nacional do mestiço, mais especificamente da mulata, como símbolo nacional são fundamentais as leituras de Renato Ortiz (2012) e Peter Fry (1977). Eles entendem que as apropriações de símbolos negros para a identidade nacional, não significou a inserção do negro na sociedade, “que adoção de tais símbolos era politicamente conveniente, um instrumento para assegurar a dominação mascarando-a sob outro nome”. (FRY, 1977, p.52)

O estudo da socióloga e antropóloga Sonia Maria Giacomini(2006) se faz extremamente relevante para o nosso trabalho e destaca os concursos de beleza no “Renascença Clube” no Rio de Janeiro. A autora ressalta os concursos como “quebras” de estereótipos, e um meio de fortalecer a auto-estima da mulher negra. Também se pode pensar em uma apropriação, por parte do grupo, desta representação da mulata, para uma aceitabilidade na sociedade majoritariamente branca, mesmo que para isso siga-se uma ideia de branqueamento, segundo Giacomini (2006) uma espécie de “integração subordinada”.

Se tem por objetivo neste trabalho compreender a utilização da terminologia “mulata”, e seu significado no concurso em questão no que tange a representação da mulher negra. Especificamente, descrever e analisar as etapas do concurso, além de buscar entender a construção da mulata pelo branqueamento da sociedade em um contexto nacional de constituição de uma identidade

2. METODOLOGIA

O trabalho se utiliza da metodologia da História Oral, devido também a falta de documentação sobre o concurso “Miss Mulata”. Através das narrações, pretende-se construir a história do concurso, buscando entender as identidades, culturas e políticas envolvidas no contexto e processo histórico.

É pensar a História Oral como:

[...] um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2010, p.15)

Foram realizadas cinco entrevistas, duas com o idealizador do concurso, o professor de história Antônio Carlos da Conceição. Outras três foram realizadas com candidatas ao “Miss Mulata” de 1992, 1998, e 1999.

Para a utilização da História Oral é indispensável um trabalho junto aos conceitos de memória e identidade, que na verdade são meios que definem o processo de tal método e que contribuem para se fazer história. Com isso, as leituras de Pollack (1989); Le Goff (2003); Portelli (1996) (1997) e Cadau (2012) serão fundamentais.

A observação e análise de fotos, vídeo, e folhetos sobre o concurso “Miss Mulata” são de extrema importância, também são relevantes as pesquisas em acervos de jornais

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão que se faz é sobre o uso desta representação estereotipada de mulata, na sua sexualidade e corpo, para identificar um concurso de beleza que visa a valorização da mulher negra em uma sociedade de padrões estéticos brancos. O período, por volta de 1970, foi marcado por movimentos sociais que buscavam enaltecer os símbolos da identidade negra, pensando o estético associado ao político. E, conseqüentemente, negando o termo mulata para se referir à mulher negra.

O que se percebe é que mesmo utilizando-se de uma nomenclatura referente ao branqueamento, há uma inversão de poder, no momento em que o grupo a ser dominado se apropria de uma representação de opressão para se identificar de maneira autônoma e original. É uma forma de descaracterizar os estigmas construídos sobre o corpo negro, e criar uma visualização e até mesmo uma valorização da mulher negra. É uma estratégia, concomitante, de aceitação e imposição de seus valores. Através das entrevistas percebeu-se uma verdadeira quebra do modelo normativo de beleza, cujas as mulheres participantes se identificavam como negras ou mulatas. Muitas eram frutos de relacionamentos inter-raciais, e isso agia diretamente em sua auto-estima, ratificando o concurso de branqueamento. Em frases como: “Era o meu sonho, tem gente que tem o sonho de casar, de ser mãe, o meu era de ser ‘Miss Mulata’. E eu realizei.”¹

4. CONCLUSÕES

Enfim, o trabalho é inovador pela sua temática, por relacionar um concurso de beleza à questão de raça no Rio Grande do Sul; e por discutir estética e gênero, e as especificidades de grupo de mulheres negras visando uma representação digna e positiva de seus símbolos identitários, além de uma

¹Entrevista realizada com “JB” em 04 de julho de 2013, em um salão de beleza, Arroio Grande.
Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

autonomia ou reapropriação do dito subalterno, perante a imposição do branqueamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempos, Identidades**. 2.ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- FRY, Peter. Feijoada e “Soul Food”: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. _____. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1977.
- GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2006.
- GOMES, Nilma Nilo. **Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, 1989, p.3-15.
- PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Rio de Janeiro: Tempo, 1996. Vol.1, nº2, p.59-72.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história Oral**. São Paulo: Projeto História, 1997.